



---

## 1. INTRODUÇÃO

Educador e pensador francês, Fernand Deligny trabalhou durante aproximadamente cinco décadas com crianças separadas do convívio social por serem consideradas inadaptadas pelos mais variados motivos (ALVAREZ DE TOLEDO, 2009). Entre 1938 e 1946, atuou como responsável por classes “especiais” de escolas, asilos e estabelecimentos assistenciais ou jurídicos. Em seguida, de 1948 a 1962, desenvolveu sua primeira experiência fora das instituições, no projeto denominado *Grande Cordée*, que deixou de ter um lugar fixo, recebendo jovens que não haviam se ajustado a quaisquer outros daqueles estabelecimentos da França.

Após uma passagem de dois anos iniciada em 1965 pela clínica *La Borde*, onde trabalhou junto com Félix Guattari e Jean Oury e conheceu Janmari (tornando-se, então,

responsável por ele),<sup>01</sup> Deligny principia em 1967 sua primeira *rede*, a chamada *Tentativa de Cévennes*. Numa região rural e montanhosa do país, cria um lugar para que crianças como Janmari possam viver fora de certos limites e controles da vida cotidiana, que já se introduzem na própria linguagem verbal. Divididos em áreas de convivência, os espaços recebiam pequenos grupos de crianças acompanhados por algum adulto responsável – denominado por Deligny de *presença próxima*. Essa experiência, a mais radical e influente de Deligny, durou até os anos 1980, marcada por seu trabalho com as chamadas *crianças ditas autistas* e por uma maneira nova de lidar com as questões sociais da psiquiatria, já que lá se materializa sua crítica das ideias de terapia e tratamento em direção a uma construção de *modos de vida*.<sup>02</sup>

A herança de Fernand Deligny tem se mostrado influente também na cultura contemporânea por meio das suas *linhas de errância*, noção fundamental para a própria efetivação da *rede*. Muito além de um simples método cartográfico, que Deligny e as *presenças próximas* empregavam para registrar a experimentação do espaço pelas *crianças ditas autistas*, as *linhas de errância* constituíam uma das suas principais abordagens de um ser *outro*, que não faz uso da linguagem verbal. Em virtude de suas características formais, técnicas e simbólicas, os mapas resultantes de tais linhas, traçadas à medida que os adultos observam as crianças se movimentando cotidianamente, têm despertado grande interesse estético e artístico, confirmado pelas inúmeras publicações e exposições para amplos públicos de instituições culturais, no Brasil e no exterior.<sup>03</sup>

.....  
01 Janmari, com 12 anos, diagnosticado com uma forma de autismo profundo, não se comunica verbalmente. Esse encontro foi responsável por uma grande virada no pensamento do Deligny, que a partir daí começa a questionar o lugar das palavras na vida social.

02 Cf. <https://deligny.jur.puc-rio.br/index.php/cronologia/>.

03 Dentre os diversos eventos dedicados a Deligny na última década, no contexto da arte brasileira, cabe destacar a exposição de mapas, filmes, fotografias e documentos pessoais, além de publicações, debates e simpósios, promovidos pela 30ª Bienal de São Paulo, em 2012.

É sobre essas duas noções-chave do pensamento deligniano – *redes* e *errâncias* – que discutiremos a seguir, tendo em vista possíveis desdobramentos para estudos e práticas culturais e políticas diversas, especialmente aquelas relacionadas à arte contemporânea.

---

## 2. REDES

O termo *rede* refere-se primordialmente a um grupo variável que Deligny formou com seus colaboradores e *crianças ditas autistas* durante algumas décadas do século XX nas montanhas de Cévennes. Crianças de diversos lugares da França eram para lá encaminhadas por profissionais de saúde ou diretamente pelas próprias famílias, onde passavam a conviver e constituir uma *rede* a partir do compartilhamento dos abrigos e recursos disponíveis nos territórios habitados e da participação em um conjunto de experiências coletivas.

Se a precariedade geral das condições locais ganha destaque nos relatos, a escassez de estruturas materiais e hierarquias simbólicas indicam, por outro lado, o experimentalismo da proposta. Precariedade e escassez que podem ter fortalecido a dimensão coletiva do grupo e encorajado Deligny a dedicar boa parte dos seus escritos à elaboração do conceito de *rede*, que se articulava a outras reflexões e outros contextos, desde os mais particulares, relativos àquele ambiente, até os mais gerais, relativos à França e ao mundo.

A palavra “rede” possibilita de imediato que seus comentadores apresentem a iniciativa de Cévennes sem precisar recorrer a termos como “instituição”, “organização” e “estabelecimento”, que, nas suas acepções consolidadas, não só dificultariam a imaginação das peculiaridades daquela experiência como tenderiam a desvirtuar seu próprio sentido. Uma palavra corriqueira, explorada em um novo contexto, convida o leitor a novas especulações.

Deligny não criou ali uma instituição para as crianças autistas. Ele tornou possível que um grupo de adultos e de crianças autistas pudessem viver juntos segundo seus próprios desejos. Ele agenciou uma economia coletiva de desejo articulando pessoas, gestos, circuitos econômicos e relacionais, etc. (GUATTARI, 2012, p. 33)

A *rede* de Cévennes não foi, entretanto, a primeira iniciativa desse tipo. Começou a ganhar forma após o fim da Segunda Guerra Mundial, numa conjuntura internacional de grandes incertezas, constantemente abordada por Deligny em cartas, artigos e diários. Podemos vislumbrar alguns dos seus elementos já em meados de 1950, quando Deligny constituiu sua primeira *tentativa*, depois que a instituição da qual fazia parte – a *Grande Cordée* – perdeu o apoio do Estado e passou a atuar de forma nômade pelo país. Voltando-se para jovens “inadaptados”, usualmente confinados em prisões, asilos ou centros de internações, notamos sua preocupação com os socialmente rejeitados, eixo central de todo seu pensamento.

A especialização de estudos posteriores no âmbito do autismo pode nos fazer perder de vista essa preocupação mais ampla de Deligny. Quando afirma que “estávamos em busca de um modo de ser que lhes permitisse existir” (DELIGNY, 2015, p. 70), apresentando dessa maneira o que se poderia considerar como o objetivo da *rede*, ele não se restringe às *crianças ditas autistas*. Apesar do empreendimento de Cévennes ter de fato se concentrado no autismo infantil, a *rede* poderia construir espaços para todos aqueles a quem não era permitido nem mesmo existir nas instituições da França. Uma *rede* fundada, assim, por um pensamento anti-institucional, impelido pela crítica ao modo como crianças como Janmari costumavam ser tratadas.

A posição geográfica afastada dos centros urbanos, num período político e culturalmente agitado, contribuiu para que a escrita ganhasse especial importância como meio de troca entre o pensamento da *rede* e o mundo exterior. Ao escrever, Deligny encontrava-se, todavia, numa posição complicada, já que os próprios princípios que guiavam a experiência em curso rejeitavam o poder da linguagem verbal. Como reduzir tudo aquilo às palavras? Deligny vai buscar muitas maneiras de escapar dos códigos estabelecidos mediante um estilo discursivo imagético, digressivo e imprevisível, pautado numa pretendida “razão autista”.

Além da dimensão física e social razoavelmente definida pelas instalações e pelos participantes, a *rede* possuía, portanto, uma dimensão conceitual tão relevante quanto desafiadora. Em consequência das suas desconfianças e lutas contra instituições escolares,

psiquiátricas e jurídicas para *crianças ditas autistas* (ALVAREZ DE TOLEDO, 2009), a elaboração teórica da *rede* intensifica o trabalho geral de Deligny e desponta como diretriz para a formulação de outras noções como *aracniano*, *homem que somos* e *errância*.

Várias outras palavras sugestivas são exploradas no desenvolvimento da ideia de *rede* ao longo de seus escritos: *teia*, *tentativa*, *guerrilha*, *jangada*, *desvio* (MENDES, 2017). Geralmente insinua que o tema principal é a própria vida cotidiana daquele grupo heterogêneo. Para muitos comentadores, a definição de *rede* gira em torno de um “modo de vida”, de uma proposta de modo de vida, que seja capaz justamente de viabilizar modos de vida heterogêneos, tanto no seu interior quanto no seu entorno. Essa consciência e mesmo busca da presença de um outro, identificado e aceito ali em sua diferença, produz um espaço que exige ser experimentado, seja, por exemplo, como *jangada* (quando Deligny evoca a conjunção de maleabilidade e fragilidade da embarcação), seja em contraste, como *teia* ou *guerrilha* (DELIGNY, 2015).

Dentre as principais características desse modo-de-vida-rede desenvolvido por Deligny, encontra-se uma possível existência fora da linguagem (ALVAREZ DE TOLEDO, 2009) e, por conseguinte, aberta e integrada às *circunstâncias* e aos *acasos*. Isso porque ele intui que o ser *aracniano*, prescindindo da *linguagem verbal* para a mediação do seu dentro-fora, prescinde também dos processos e das demandas comuns da consciência, que nos fazem estabelecer causas e efeitos, bem como distâncias e separações entre seres, objetos e contextos.

Deligny percebe, então, o grande desafio que a relação com o *aracniano* representa para o *homem que somos*, o típico ser das palavras, da *linguagem verbal* e da consciência; um ser que tem sua experiência mediada – e circunscrita – pelo campo simbólico e comunicacional legado por sua “espécie”. Assim, sempre haverá no *homem que somos* o ímpeto para compreender a partir do domínio da linguagem as práticas não mediadas por ela das *crianças ditas autistas*.

Ora, estávamos em busca de um modo de ser que lhes permitisse existir, nem que para isso tivéssemos de modificar o nosso; não levávamos em conta as concepções do homem, fossem elas quais fossem, e de

forma alguma porque quiséssemos substituir tais concepções por outras; pouco nos importava o homem; estávamos em busca de uma prática que excluísse de saída as interpretações referenciadas num código; não tomávamos as maneiras de ser das crianças por mensagens embrulhadas, cifradas, e dirigidas a nós. (DELIGNY, 2015, p. 70)

Deligny pretendia “atravessar” a linguagem, as palavras que temos e usamos para lidar com a realidade. Apenas uma “travessia”, pois, além de vários outros tipos de “linguagens” (sobretudo as gestuais) explorados pelas *crianças ditas autistas* que ali viviam, a *linguagem verbal* consiste – Deligny desconfia – na que mais torna o *homem que somos* o que ele é: o “calabouço” do habitual, do costumeiro, do comum e de tudo o que é entendido como “normal” no comportamento humano em um certo contexto.

Se a relação problemática entre os seres com e sem *linguagem verbal* é incontornável, a *rede* delignyana ao menos cria um ambiente relativamente seguro para que as *errâncias* das crianças pelos espaços possam acontecer e ser acompanhadas e registradas (inclusive por meio de mapas, vídeos, fotos e textos – o que contribuiu substancialmente para a apreensão posterior de tais comportamentos).

Alvarez de Toledo (2009) comenta a atração de Deligny pelo *acaso* que emerge das circunstâncias próximas a uma dada ação. *Acaso* que se opõe aqui ao sistema causa-efeito do *projeto pensado*, da *vontade de querer* e da *linguagem verbal*, desafiando a lógica subjacente dos seus procedimentos. O ser não *aracniano*, dentro da *rede*, deve se fazer responsável pela organização e pela manutenção desse lugar de abertura às circunstâncias e se colocar sempre atento para acolher o desconhecido que dali aflore. Seu principal propósito – se houver um propósito – consiste em amparar o que quer que aconteça durante uma ação sem *projeto* ou desejo previamente elaborado.

A *ação* em um determinado espaço torna-se, assim, uma questão central. É preciso assegurar o agir pelo agir, tal como uma *criança dita autista* totalmente não verbal reage a pequenas nuances do ambiente onde se encontra, com toda a atenção voltada para o seu

entorno, para tudo que está próximo, sem qualquer expectativa de ganho, exceto a própria efetivação dos seus atos.

A ideia de circunstância, Deligny desenvolve a partir de Henri Wallon. O conceito de inteligência prática ou espacial proposta pelo psicólogo permite a Deligny pensar o real como a dimensão em que “ação e coisas se fusionam” criando a unidade inseparável entre objetivo e subjetivo. O real está no agir para nada, no agir por agir, sem intencionalidade, sem reflexão. A ação no espaço, o gesto, o traçado, o percurso são índices do real. (PASSOS, 2018, p. 147)

Deligny defende não só o papel da *rede* na geração dessas circunstâncias, mas o *agir* como forma de criação e comunicação principal (AZEVEDO, 2018), o modo mesmo de comunicação dentro das *redes*: no lugar das palavras, as ações, interações e reações às circunstâncias que se dão naquelas ambiências onde os seres da *rede* vivenciam o mundo. Os encontros desempenhando ali o papel fundamental de pontos de partida da experiência e do próprio ser de *rede*, que “existe nas circunstâncias sustentadas pelas presenças próximas” (AZEVEDO, 2018, p. 170).

Deligny também defende que o *acaso* e a *coincidência* constituem “palavras-chave da rede” e aponta o silêncio como um dos seus atributos, pois “o que importa é o movimento do *acaso*, capaz de levar o material da teia de um lado ao outro, possibilitando, assim, a construção da rede” (BORGES, 2018, p. 73). Ele ainda observa a *coincidência* como uma condição de possibilidade da experiência, que, no entanto, “só algumas vezes percebemos como lampejo, como um vislumbre, quando o nosso querer, a nossa consciência, o nosso hábito de interpretar e reconhecer todas as coisas não se impõe” (AZEVEDO, 2018, p. 161). Define então os passeios realizados pelas *crianças ditas autistas* como “um chamado a novas circunstâncias”.

O ser de *rede* deve estar, portanto, aberto ao *acaso* em suas experimentações do espaço – de forma “inata”, no caso das *crianças ditas autistas*, ou por meio da atenção e reavaliação de valores e processos, no caso do *homem que somos*. Essa atenção ao gesto é, portanto, crucial. Um gesto-traço como reação às circunstâncias



que emergem durante uma experimentação para a qual a *rede* é construída e onde se espera encontrar “uma alternativa aos encarceramentos; brincar; produzir circunstâncias e oferecer uma outra perspectiva de vida que não a morte ou a adaptação a um modo de ser ‘normal’” (ARAGON, 2018, p. 182).

---

### 3. ERRÂNCIAS

As *linhas de errância* consistem um meio fundamental de visualização da experiência da *rede*. Integram uma das técnicas de registro empreendidas por Deligny em Cévennes e que acabou se tornando a mais notável. Segundo seus princípios e suas materializações, um observador dispõe-se a acompanhar as rotinas das *crianças ditas autistas*, registrando em um mapa do espaço onde se encontram as inúmeras linhas geradas a partir dos seus percursos. Essas *linhas* ganharam destaque no conjunto das obras de Deligny, vindo a influenciar prestigiadas formulações teóricas, como a do conceito de *rizoma* por Deleuze e Guattari (MIGUEL, 2015, p. 58), e a ser expostas e discutidas em instituições culturais renomadas internacionalmente.

Ao efetivarem um movimento de conexão entre os tipos de “seres” e práticas que compõem a *rede*, as *linhas* expressam o próprio fundamento do programa deligniano. De um lado, o *aracniano*, que traça “linhas-ações” com o emprego de seu corpo e dos objetos no espaço físico-material cotidiano da *rede*; de outro, o *homem que somos*, que, pacientemente, acompanha e registra com tinta no papel as linhas *aracnianas*. Esta conformação dupla das *linhas de errância*, no espaço e no papel, bem como sua contraposição às *linhas costumeiras*, constitui a própria conformação da *rede*.

Chamou de “linhas costumeiras”, aquelas que percorrem os trajetos cotidianos, normalmente traçadas pelos adultos que acompanham as crianças no seu dia a dia, ao executar as tarefas diárias como pegar lenha, lavar a louça, fazer o pão... e designou como “linhas de errância” aquelas onde é possível perceber um desvio no trajeto costumeiro, onde por algum motivo

não aparente, as crianças escapam do caminho costumeiro e vagam, se balançam, batem palmas, cantorolam. (FRANT, 2018a, p. 73)

Deligny evidencia nos seus escritos uma grande atenção à disposição dos traços *aracnianos* no espaço, notando similaridades entre a função de mediação desses movimentos e a *linguagem verbal* do *homem que somos*. Ele vai tomar a significação de uma palavra também como um ato, algo praticado: “a palavra, antes de querer dizer alguma coisa, antes de significar, é um simples traçar” (FRANT, 2018a, p. 82). Esses “traços” da linguagem verbal como atos tendem, porém, a ser usualmente desconsiderados enquanto tais. Em virtude de hábitos e convenções cristalizados historicamente, a palavra na linguagem verbal converte-se, conforme o senso comum, na própria oposição à ideia de ação.

Quanto à oposição entre os “traços” do *aracniano* no espaço e os “traços” do *homem que somos* no papel, Frant (2018b, p. 52) acrescenta a partir de Deligny que não só o *mínimo gesto* é capaz de significar, mas que a ausência de fala nas *crianças ditas autistas* não as impede de construir outro tipo de linguagem, por meio justamente de traços, rastros e gestos.

Vale aqui ressaltar o sujeito da *errância* como aquele sujeito-rede, e não somente como um dos pares aparentemente em oposição. Enquanto o *aracniano* desempenha a *errância*, o *homem que somos*, responsável pelos registros visuais, organiza, assegura e observa o próprio espaço praticado. Trata-se, assim, de uma produção conjunta: fora do agir errante, o *homem que somos* encontra o *aracniano* para acompanhá-lo com traços de tinta no papel, sem poder planejar o seu próprio fazer, sempre dependente de um outro “traçado” livre. Liberdade para ambos – da *linguagem verbal*, da *vontade de querer* e dos *projetos pensados* – em razão dos *acasos* e *coincidências* que agora regulam uma experimentação da realidade com espontaneidade e estranhamento.

Deligny discute se a principal diferença entre o traçado do *homem que somos* no papel e o traçado do *aracniano* no espaço não residiria apenas no suporte utilizado. Discute também se o *aracniano*, ao gritar, bater repetidamente a cabeça contra uma árvore ou

andar indefinidamente em círculo a cada *circunstância* e *coincidência* não estaria “liberando” ou “curando” aquele *homem que somos*, que deveria liberá-lo ou curá-lo, segundo a visão institucional e socialmente estabelecida.

Certamente uma diferença fundamental entre os dois “seres” aparece no modo em que um influencia o outro. O *aracniano* não se permite influenciar tão diretamente como o *homem que somos*, que realiza todas as suas *linhas* com base nas *linhas* do outro (nos remetendo inclusive à dimensão social da própria consciência de si). No entanto, ao serem executadas por todos os adultos como uma parte indispensável da rotina do lugar e da própria construção daquela *rede* a que pertencem, as cartografias surgem com o passar dos dias espontaneamente.

A dimensão de estranhamento também se evidencia na configuração dessas *linhas*. Vista como desvio e fuga, a *errância* refere-se contraditoriamente ao *costumeiro*, ao típico comportamento do *homem que somos*. Se esse *costumeiro* é o agir por finalidade de forma reiterada, a *errância*, ao contrário, manifesta-se no “sentido mesmo de cometer um erro” ou apenas no sentido de uma linha que, errática, desvia e vaga (FRANT, 2018b, p.49). A *errância* tende, assim, a parecer estranha a quem a observa do ponto de vista do *costumeiro* e dos seus correspondentes critérios de correção.

Tal ausência de finalidade no uso do espaço como motor da *rede* revela que os *aracnianos* articulam, enquanto andam e correm, não palavras e discursos, mas gestos e objetos. Embora as instalações não se voltem exclusivamente para as *crianças ditas autistas*, toda a ordenação territorial e temporal é considerada para que lhes sejam propícia (MIGUEL, 2018, p. 6). E uma vez que o *homem que somos* tem responsabilidade na organização e no monitoramento, o espaço consagra-se como construção coletiva.

A atenção ao lugar e a construção da *rede* exigiam grande esforço do grupo de adultos envolvidos. O incessante aperfeiçoamento das notórias condições precárias daquelas instalações nas montanhas sugeria inclusive a “finalidade” dos seres da *linguagem verbal*. Acontece que aquele estado quase natural se tornava um convite à sua própria preservação, justamente porque escapava do instituído e convencional em favor do prático e circunstancial. Um espaço

pronto para ser continuamente descoberto e inaugurado, sempre aberto a novas experimentações.

Segundo Passos (2018, p. 49), essa *presença próxima das crianças ditas autistas* produz experiências de “dissolvência subjetiva no espaço”, uma “especialização” do coletivo nas áreas de convivência que Deligny designa como um “nós-aí”.

A partir da descoberta desse espaço comum, das formas de habitá-lo que advinha aos seres que não possuíam acesso à linguagem, foi possível a descoberta, pelos adultos, de maneiras de organizar tal espaço, de respeitar a criação de um lugar que não implicasse na imposição do ponto de vista da normalidade, das exigências de tornar o outro um mesmo, um semelhante, da função de cura ou de readequação dos seres inadaptados a uma forma de vida considerada adequada. (RESENDE, 2016, pp. 267-268)

Uma vez que a principal ocupação das *crianças ditas autistas* é o *agir*, os menores gestos efetuados a partir de cada coisa encontrada no espaço terá de certa forma o papel de uma palavra. Sem nenhum pensamento ou formulação linguística, “falarão” consigo mesmas e com os adultos diretamente por meio do espaço ao redor, do qual, segundo Deligny (2015, pp. 50-51), elas não se diferenciam. Essa suposta indistinção permite que Deligny assinale a diferença da origem das práticas do *homem que somos* para a origem das práticas do ser *aracniano*: a própria separação do ser “consciente de ser” do seu espaço circundante.

A consciência da existência do eu, antigo problema da filosofia, repercute, assim, no espaço do sujeito. O eu pressupõe o não eu, que consiste tanto no conjunto das outras pessoas próximas quanto em toda a materialidade dos objetos e cenários que conforma o entorno. A falta de consciência dessa separação no ser *aracniano* implicaria na perda da ideia de eu, mas igualmente na possibilidade de uma inusitada integração ao que não se é eu, inclusive aos objetos, que agora assumem sua participação no ser da *rede*.

A realidade está aí – mesa, tigela, cadeira. Se eu não estivesse – aqui –, mesa, tigela e cadeira estariam mesmo assim, o que pressupõe que eu me distingo da realidade – como ser consciente de ser. Mas e se o ser não se distinguir dessa realidade externa? A cada vez que mesa, tigela e cadeira forem encontradas, é realmente de um encontro que se tratará. Enquanto para nós é o mínimo poder contar com que as coisas, na realidade, não se mexam, não vão embora durante nossa ausência, não é assim para o ser que não se distingue dessa realidade que, reencontrada, é bem-vinda. (DELIGNY, 2015, pp. 50-51)

Refletindo ainda sobre a relação entre o *homem que somos* e o *aracniano*, Deligny vai identificar outra grande diferença no funcionamento dos gestos em cada um deles. A atenção ao próprio gesto, numa ação que ocorre apenas como reação às circunstâncias próximas, é o que o *homem que somos* teria de aprender a fazer no papel, nas suas *linhas de errâncias* e, quem sabe, na sua vida, considerando-se que no *aracniano* “todos os gestos inatos são igualmente surpreendentes e o impelem da mesma maneira”, sem distinção entre “os gestos voluntários dos gestos involuntários” (DELIGNY, 2015, p. 53).

A ausência de intencionalidade em cada um desses gestos e traços parece suficiente para aquelas crianças. Para o *homem que somos*, contudo, uma tal ausência de busca por significados e comunicação, por se fazer entender, transformaria radicalmente sua existência. Seus gestos, tal como Deligny indica, constituiriam “gestos para nada”. Caso pudesse escapar da linguagem verbal, o *homem que somos*, de acordo com o exemplo do *aracniano*, escaparia então das próprias finalidades que subjugam suas ações no mundo.

---

## 4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Deligny seguiu na procura do encontro entre o *homem que somos* e o *aracniano*. Encontro que pode acontecer de formas diversas, desde que se permita agir por *reação*, com a atenção voltada para as circunstâncias produzidas pelo próximo. A *errância* surge como parte de uma problemática humana que não se reduz às características estéticas das suas “linhas” nem às metodologias cartográficas. Tal problemática diz respeito, antes de tudo, a *práticas* que tendem a converter o *homem que somos* no *aracniano*, aquele que age sem *projeto*, “fora” dos signos, nos limites do real, e que constrói, assim, *modos de vida* tal como aqueles experimentados por Deligny.

Seus três instrumentos (a caneta, os mapas, a câmera) serão a base das atividades na rede de Cévennes. Eles são formas de traçar, de plantar derivas, de construir costumes e levam à consideração do “homem” (ou do indivíduo subjetivado que caiu no simbólico) e do “humano” (a memória da espécie, o imutável, a vacância da linguagem), enfim, diante do mutismo que força a pensar a condição humana aquém/além da linguagem, o “humano” aparecerá como gesto e forma (um “agir” intransitivo e não um “fazer” transitivo e finalizado), antes de ser linguagem. (ROCHA; MIGUEL, 2018, p. 186)

Atividades e formas essas instauradas numa longínqua região montanhosa da França, mas que continuam a reverberar em pesquisas internacionais cada vez mais numerosas, inclusive nas destes autores e de outros integrantes do *Laboratório de Inteligência Artística (i!)* da Universidade Federal de Pernambuco. Pesquisas ainda preliminares que vêm inspirando não só textos e experimentos pedagógicos, mas também proposições artísticas. Nesses casos específicos, trata-se de processos plurais e complementares, que vinculam parte da herança delignyana a uma tradição artística do século XX, desenvolvida desde as “excursões” Dada, passando

pelas “deambulações” surrealistas e “derivas” situacionistas, até chegar às múltiplas ações coletivas no espaço público da arte contemporânea brasileira.

O presente capítulo constitui um momento dessa exploração do “universo Deligny”, que deverá se desdobrar em outras “cartografias”, visando incrementar contextos, técnicas e suportes de investigações científicas, bem como construir outras *redes* e *errâncias*. Um trabalho que pode servir, assim, como um “chamado” para novos diálogos entre as ciências e as artes, reconhecendo nas propostas de Deligny um rico instrumental ainda por ser plenamente utilizado, já que continua a desafiar as fronteiras dos saberes estabelecidos, especialmente a partir das potencialidades do *acaso* e das *tentativas* provisórias da própria vida cotidiana, dos “traços”, como disse Aragon (2018, p. 175), “de uma vida vivida no infinitivo de um viver”.

---

## REFERÊNCIAS

- ALVAREZ DE TOLEDO, S. *Introducción in permitir, trazar, ver*. Barcelona: MACBA, 2009. Disponível em: <https://img.macba.cat/public/uploads/20091118/intro.pdf>. Acesso em: 5 jun. 2022.
- ARAGON, L. E. P. Deligny Clínico. *Cadernos Deligny*, v. 1, n. 1. Rio de Janeiro, 2018.
- AZEVEDO, A. B. Traços de uma experiência de pesquisa e formação acadêmica: fazer do projeto pensado um agir. *Cadernos Deligny*, v. 1, n. 1. Rio de Janeiro, 2018.
- BORGES, L. A. Mapas, constelações, espirais: a rede em Deligny, Benjamin e Deleuze. Policromias. *Revista de Estudos do Discurso, Imagem e Som*, v. 3, n. 1. Rio de Janeiro, 2018.
- DELIGNY, F. *O Aracniano e outros textos*. São Paulo: n-1 edições, 2015.
- FRANT, A. B. Sobre o caderno de Janmari e a sobrevivência das linhas—de fuga. *Aletria: Revista de Estudos de Literatura*, v. 28, n. 2, Rio de Janeiro, 2018a.
- FRANT, A. B. Janmari: mãos férteis em linhas. *Cadernos Deligny*, v. 1, n. 1. Rio de Janeiro, 2018b.
- GUATTARI, F. *Caosmose*. Rio de Janeiro: Editora 34, 2012.
- MENDES, M. L. *Esquivas, criação e planos de existência: ressonâncias éticas, estéticas e clínicas na trajetória de Fernand Deligny*. Dissertação (mestrado) – Programa de Pós-Graduação Interunidades em Estética e História da Arte, Universidade de São Paulo, 2017.
- MIGUEL, M. Guerrilha e resistência em Cévennes. A cartografia de Fernand Deligny e a busca por novas semióticas deleuzo-guattarianas. *Revista Trágica*, v. 8, n. 1, Rio de Janeiro, 2015.
- PASSOS, E. Inadaptação e normatividade. *Cadernos Deligny*, v. 1, n. 1, Rio de Janeiro, 2018.
- RESENDE, N. C. *Do asilo ao asilo, as existências de Fernand Deligny: trajetos de esquiva à Instituição, à Lei e ao Sujeito*. Tese (doutorado) – Programa de Pós-Graduação em Direito, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, 2016.
- ROCHA, M.; MIGUEL, M. Fernand Deligny, Spinoza e “o homem-que-nós-somos”. *Cadernos Deligny*, v. 1, n. 1, Rio de Janeiro, 2018.